

Eugenia Brasilis – delusions and misconceptions of a mestizo Brazil

Eugenia Brasilis – delírios e equívocos de um Brasil mestiço

Aleksandro Peixoto de Azevedo¹, Carlos Benevenuto Guisard Koehler^{1,2}

¹ Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

² Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro

aleksandroazevedo@yahoo.com.br, cbgk@uol.com.br

Recebido: 4/12/2019 Aceito: 8/12/2019 Publicado: 10/12/2019

Abstract. *We review the foundations of eugenics, a positivist theory developed by Francis Galton that preached the hierarchy of races and possibilities for improvements of the human species, and show its expansion until reaching Brazil. The Brazilian eugenic movement had ramifications that went far beyond the academy. Several scientists and Brazilians in general have embraced the cause of good birth, while in nazi Germany, Hitler and his group decided who deserved to live in the name of a superior race. The article, therefore, opens to the reader the adverse intellectual scenario which ended up bowing to the growth of our mestizaje, mainstay of the Brazilian people, this odd and borogodó-filled nation.*

Keywords: *Eugenics. Brazil. Mestizaje.*

Resumo. *Revisamos as fundações da eugenia, teoria positivista elaborada por Francis Galton que pregava hierarquia de raças e possibilidades de melhorias da espécie humana, mostrando sua expansão até chegar ao Brasil. O movimento eugênico brasileiro teve ramificações que foram muito além da academia. Cientistas e não cientistas abraçaram a causa do bem nascer, enquanto na Alemanha nazista, Hitler e seu grupo decidiam quem merecia viver em nome de uma raça superior. O artigo, portanto, abre ao leitor o cenário intelectual e social adverso que acabou se curvando ao crescimento de nossa mestiçagem, esteio do povo brasileiro, esta nação impar e cheia de borogodó.*

Palavras-chave: *Eugenia. Brasil. Mestiçagem.*

1. Introdução

Embora a produção da bomba atômica seja sempre lembrada como exemplo da ciência a serviço da destruição, há outro igualmente relevante: o desenvolvimento das teorias eugênicas e seu aproveitamento por movimentos raciais, culminando no Holocausto nazista

na Segunda Guerra Mundial. Cabe a nós, historiadores da ciência, a pesquisa e a elucidação dos fatos para que movimentos como estes não ressurgam em nossa história.

Quando, em *A Origem das Espécies* (1859), Charles Darwin (1809-1882) propôs que a seleção natural fosse o processo seletivo de sobrevivência responsável pelo controle da sucessão histórica e permanência de espécies no planeta (GUERRA, 2006), importantes pensadores passaram a destilar suas idéias num conceito novo – o *darwinismo social* (GUERRA, 2006). Esse conceito, de que na luta pela sobrevivência, muitos seres humanos eram não só menos aptos, mas destinados a desaparecer, acabou inspirando escolas dentro da própria ciência que propunham o aprimoramento biológico da espécie humana por meio da ciência (GUERRA, 2006). Argumentos de convencimento por aproximação, como melhoria de raças de equinos, foram amplamente usados por cientistas para justificar tais teses, ditas eugenistas, conforme justificado em seguida (CASTAÑEDA, 2003).

A ideologia do “bem nascer”, ou eugenia, foi proposta pelo lorde inglês Sir Francis J. Galton (1822–1911), matemático, antropólogo, meteorologista, estatístico, também considerado o pai da biometria (CASTAÑEDA, 2003). Convencido de que era a natureza biológica do indivíduo, não o ambiente, que determinava as habilidades humanas, Galton dedicou sua carreira científica à melhoria da humanidade por meio de casamentos seletivos. Sua obra célebre é o livro *Inquéritos sobre a faculdade humana e seu desenvolvimento*, de 1883, no qual o seu conjunto de ideias ganha vida (CASTAÑEDA, 2003).

2. A Eugenia na Alemanha Nazista

Adolf Hitler, como se sabe, era um grande orador e o caráter messiânico de seus discursos políticos engrandecia o ideal nazista e o racismo (CAETANO, 2010). O nazismo constitui experiência única, um movimento cujos fundamentos exprimem conjuntamente grande originalidade (CAETANO, 2010). Ora, o nacional-socialismo caracteriza-se pelo nacionalismo extremado, autoritarismo, racismo, anti-semitismo, belicismo, anticomunismo, antiliberalismo, antiparlamentarismo e antiindividualismo (CAETANO, 2010).

O nazismo levou o racismo biológico ao seu máximo desenvolvimento, mas as idéias de assimilação cultural e linguística também estavam presentes, sendo judeus e ciganos, provavelmente, os únicos os quais essa possibilidade foi cem por cento negada (BERTONHA, 2010).

A mestiçagem racial não é natural, a tendência da natureza é a purificação da raça (CAETANO, 2010). Era o que Hitler escreveu de forma cansativa, retórica e sem nenhum embasamento filosófico, usando-se apenas crenças místicas, experiências históricas e valores sociais conservadores (CAETANO, 2010).

“A perda da pureza de sangue por si só destrói a felicidade íntima, rebaixa o homem por toda a vida e as consequências físicas e intelectuais permanecem para sempre...” (HILTER, 1925, p. 215)

A organização *Ahnenerbe*, responsável pelas pesquisas sobre as origens do povo ariano, financiava estudos e escavações arqueológicas com a finalidade de comprovar as origens biológicas do homem como partindo dos arianos, e cujo centro de difusão seria o Tibete (DA SILVA, 2009). Enquanto isso, outra importante organização, a *Sociedade Fonte de Vida*, encarregava-se de estimular a natalidade entre arianos puros para que em cem anos toda a população da Alemanha estivesse depurada de indivíduos indesejáveis, o que significa uma nação de arianos perfeitos (DA SILVA, 2009). Para tanto, surgiu intimamente vinculada à Sociedade Fonte de Vida a Fundação *Mutter und Kind* (mãe e filho) de auxílio à natalidade, e junto com ela surgiram também as *Lebensborn* (casa de maternidade) (DA SILVA, 2009). Nesses lares, mulheres arianas dispostas a terem filhos eram estimuladas a copularem com a elite alemã, cujos descendentes de sangue puro governariam o mundo (DA SILVA, 2009).

3. A Eugenia no Brasil

Na América Latina, o Brasil não apenas foi o país que primeiro desenvolveu seu movimento eugênico, como também foi o que reuniu o maior número de adeptos e o que mais sucesso teve no processo de institucionalização da eugenia (SOUZA, 2016). Basta lembrar que a primeira sociedade eugênica criada pelos brasileiros, a Sociedade Eugênica de São Paulo, foi fundada ainda nos anos 1910 e contou com nada menos que 140 membros, a maioria formada pela elite médica do país (SOUZA, 2016).

Segundo o professor Mércio Gomes em seu brilhante livro *Visões do Brasil* (GOMES, 2019), na virada dos séculos XIX-XX, a identidade científica nacional dava os primeiros passos de uma longa jornada.

“Entretanto para os iniciantes e inseguros cientistas brasileiros do fim do século XIX, naturalistas que começavam a se especializar em temas mais específicos, como zoologia, botânica ou antropologia, engenheiros que se interessavam pela geologia, química e física, médicos que pesquisavam vírus e bactérias e se preocupavam com epidemiologia, demografia, raças e criminalidade, eis que surgia versão mais feroz do evolucionismo biológico que dominava a Europa e explicava as diferenças raciais, a degeneração dos mestiços, a inferioridade de inteligência, a selvageria congênita e a civilização exclusiva. (GOMES, 2019, p.310)

Entre os seus integrantes estavam figuras prestigiadas como Afrânio Peixoto, Arthur Neiva, Juliano Moreira, Antonio Austregésilo, Fernando Azevedo e Belizário Penna, Carlos Chagas, Osvaldo Cruz, além de escritores como Monteiro Lobato, Oliveira Viana e Nina Rodrigues, e o influente senador Alfredo Ellis (SOUZA, 2016).

O movimento eugênico foi responsável pela realização do primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia e pela publicação do *Boletim de Eugenia*, periódico editado entre 1929 e 1934 (SOUZA, 2016). Ainda no início dos anos 1930 seria fundada a Comissão Central

Brasileira de Eugenia, que agregava um grupo de eugenistas e psiquiatras que atuava na Liga Brasileira de Higiene Mental, outra instituição que adotou o discurso eugênico como parte de seu ideário (SOUZA, 2016).

Para os intelectuais brasileiros, nos quais se incluíam Renato Kehl e Roquette-Pinto, a ciência prometia solucionar o suposto “atraso” civilizacional do país, os efeitos da miscigenação racial e toda a miséria relacionada à chamada “questão social”, como a pobreza, as inúmeras doenças, a desnutrição e o analfabetismo (SOUZA, 2016). Enquanto Edgard Roquette-Pinto projetou sua trajetória como antropólogo físico bastante respeitado, sobretudo pela sólida carreira como cientista do Museu Nacional, Renato Kehl construiu notoriedade por sua incansável atuação na organização do movimento eugênico (SOUZA, 2016).

O nome de Kehl esteve estreitamente associado à institucionalização da eugenia, tendo publicado mais de duas dezenas de livros sobre os preceitos eugênicos e atuando como editor do *Boletim de Eugenia*, o principal periódico de divulgação das ideias eugênicas no Brasil. Entre suas obras, destacam-se *Lições de eugenia* publicada em 1929 e *Sexo e civilização: aparas eugênicas*, do ano de 1933, nas quais sintetizou seu ideário eugênico.

4. Renato Kehl – a ciência em prol do racismo

Conforme a historiografia tem apontado, é possível afirmar que o movimento pela “higiene racial” criado durante a República de Weimar (1918-1933) formou as bases ideológicas e institucionais que vigorariam a partir da chegada do partido nazista ao poder, quando o tribunal eugênico foi instituído como um importante programa do partido nazista (SOUZA, 2016).

A trajetória de Renato Kehl caracterizou-se pela defesa de uma eugenia mais dura, ao estilo da “eugenia negativa”, propondo medidas radicais de controle matrimonial e esterilização. A partir do final dos anos 1920, passou inclusive a fazer defesas entusiasmadas das políticas de segregação racial que vinham sendo aplicadas em países como os EUA e a Alemanha nazista (SOUZA, 2016).

A ligação dos eugenistas brasileiros com esta ideologia de suposta base científica era bastante sólida e aparecia não apenas como referência em suas obras, ou como tradução e divulgação de obras de autores deste movimento, como também nas correspondências com estes trocadas (SOUZA, 2016). Contatos de Renato Kehl com eugenistas da América do Norte, e outros da Alemanha, Noruega e Suécia foram se estreitando de fins dos anos 1920 em diante. Embora tivesse iniciado sua trajetória como integrante do movimento sanitário, tendo atuado por mais de dez anos nos serviços de saúde pública do Rio de Janeiro, e no Departamento Nacional de Saúde Pública, sua adesão à “eugenia negativa” tinha raízes de longo alcance, especialmente na higiene racial alemã. Como dirigente da Bayer no Brasil, uma das maiores multinacionais alemãs do período entre guerras, Kehl realizou ao menos três grandes excursões para a Alemanha e outros países do norte da Europa. Essas viagens, que duravam até seis meses, foram realizadas justamente no período de maior efervescência da eugenia na Alemanha, entre o final dos anos 1920 e o início dos anos 1930.

Em seus escritos da década de 1930, Renato Kehl fez várias referências ao modelo de eugenia adotado na Alemanha. Em seu livro *Sexo e civilização: aparas eugênicas* (SOUZA, 2016), reafirmou a adesão à política eugênica implantada em países como Dinamarca, Suécia e Alemanha, apoiado em argumentos racistas e biologicamente deterministas. Kehl explicava que não haveria solução para os problemas nacionais sem o desenvolvimento de uma “política biológica” radical, inspirada nos ditames da higiene racial alemã. Em sua interpretação, como o grande mal do país era um “mal de raça”, o governo deveria impedir urgentemente a proliferação de indivíduos racialmente “indesejáveis”, mesmo que para isso tivesse que utilizar medidas extremas como a segregação racial, a esterilização eugênica e a eutanásia. Nesse período, chegou mesmo a fazer elogios ao recém-criado tribunal eugênico nazista, que havia instituído as leis de esterilização em todo o Reich (SOUZA, 2016).

No final do século XIX e início do século XX, havia a consciência de que a nacionalidade brasileira era fundamentalmente negra, índia e branca (GOMES, 2019). Entretanto, nossa elite social e econômica era constituída de indivíduos que se diziam brancos. Kehl em sua vida e obra olha para Europa e se esquece do que caracteriza um brasileiro: suas raízes mestiças.

5. Outras vozes eugênicas no Brasil

Mércio Gomes em seu livro *Visões do Brasil* (GOMES, 2019) cita o maranhense, médico e autor Nina Rodrigues como uma das maiores vozes brasileiras em favor da eugenia.

“Nina Rodrigues (1862 – 1906), nascido no Maranhão, formado em medicina nas faculdades da Bahia e do Rio de Janeiro. Foi um dos maiores propagandistas do darwinismo social. Embora, fosse um mulato de feições grossas, filho da Elite rural do Maranhão via nas raças inferiores a desgraça do país. Responsável pela instalação dos institutos de medicina legal como forma de reconhecer criminosos ou delituosos pela raça e seus atributos”. (GOMES, 2019, p.312)

Em outro momento em sua obra, Mércio Gomes cita os constrangimentos da nossa jovem classe cientista diante da mestiçagem e as características peculiares que fazem os brasileiros tão diferentes dos outros povos.

“Não são poucos os cientistas e escritores, grandes e pequenos, que se declararam desconfortados com o povo brasileiro – avaliado em geral por sua feiúra, sua pouca inteligência e sua preguiça – sobretudo quando na presença de estrangeiros. Só para citar alguns que fizeram elocuições negativas sobre esses temas: os médicos Carlos Chagas, Oswaldo Cruz, Miguel Couto, Belizário Penna, Arthur Neiva, o cientista político Oliveira Viana, o educador Fernando Azevedo, até Roquete Pinto, que escrevera com tanto sentimento sobre o valor dos índios ainda em 1917, e Monteiro Lobato, o grande escritor infantil, nacionalista e pós-modernista”. (GOMES, 2019, p.312)

6. Conclusões

Como vimos, os movimentos sociais gerados pela “ciência” *galtoniana* foram muitos e bem diversos. Países da Europa, América Latina e do Norte, e até na Oceania, aderiram aos ideais eugênicos (TEIXEIRA e SILVA, 2017). Esses movimentos sociais arrefeceram apenas após a Segunda Guerra Mundial, devido aos acontecimentos do holocausto nazista.

Tais movimentos conviveram, no entanto, com contrapontos importantes. Um marco histórico é o livro *Casa-Grande e Senzala* (1933) do escritor Gilberto Freire, que defende uma outra realidade frente a elite branca brasileira intelectualizada. Freire argumenta em sua obra que há no índio inteligência e que ele não é um simples povo da floresta. E mais: que o negro, de cujos braços a riqueza do Brasil foi construída, não é uma “raça” inferior. Considerada a obra-prima da sociologia brasileira, *Casa-Grande e Senzala* desnuda o ideário romântico do português colonizador e torna-se uma leitura obrigatória para entender o Brasil.

O arcabouço de ideias, literaturas e organizações em defesa da eugenia no Brasil caíram em descrédito. Getúlio Vargas é deposto e com ele um ciclo se encerra no cenário político brasileiro. O Brasil respiraria ares de democracia e Getúlio voltaria ao poder pelo voto popular. Entretanto, não completaria seu mandato ao se matar no Palácio do Catete. A palavra “eugenia”, assim, desapareceria do cenário científico e social.

Alguns autores, porém, têm exortado que os ideais eugênicos continuam vivos, embora com outra “roupagem”. Segundo esses autores, a “nova eugenia” encontra-se presente nas novas tecnologias da genética e reprodução assistida, refugiada sob o rótulo de “genética humana”. Substanciando esta interpretação, o laboratório *Cold Spring Harbor*, nos Estados Unidos foi dirigido por quatro décadas, até fins dos anos 10 deste milênio, por um dos descobridores da estrutura de dupla hélice do DNA, o geneticista recipiente do Prêmio Nobel, James Watson (GUERRA, 2006) Watson vem propagando idéias claramente eugênicas e ganhando o repúdio do próprio laboratório (GUERRA, 2006). Paralelamente, avanços científicos vêm sendo direcionados à identificação de “indesejáveis”, como a utilização de exames que detectam doenças genéticas por companhias de seguro e planos de saúde e o uso de bancos de DNA no controle de imigração (GUERRA, 2006). A seleção de perfis biológicos seja por exclusão ou por ganho funcional por manipulação do código genético se situa perigosamente no fio da navalha, se considerarmos os tênues limites da ética de humanidade. No campo social, o que poderíamos identificar como uma nova eugenia é comprovável, por um lado, nos discursos de ódio de supremacistas brancos e, por outro, nos coletivos de negros que defendem o casamento somente entre eles.

Há que se considerar a natureza biológica na largueza e profundidade que só a associação de campos de conhecimento que vão das ciências experimentais às humanidades nos permitem. Há que se defender as condições de singularidade na diversidade, e da diversidade como recurso inescapável se quisermos superar as grandes dores do mundo humano. Os historiadores da ciência, sobretudo aqueles que entendem a ciência em sua

pluralidade epistemológica, que não descansam em sua missão de relembrar fatos que insistem em nos revistar.

7. Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

BERTONHA, J.F. **O Império de Hitler. A “nova ordem” nazista na Europa, 1939 – 1945.** Tempo. Rio de Janeiro, V.14, 2010, p 239-244.

CAETANO, T.L.F. **Mein Kampf e o ideário nazista.** Consilium – Revista Eletrônica de Direito. Brasília, V.1, 2010, p 1- 18.

CASTANEDA, L.A. **Eugenia e casamento.** História, Ciência, Saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro, V.10, no. 3, 2003, p 901- 930.

GOMES, M. **Visões do Brasil: Ética, Mestiçagem e Borogodó.** Rio de Janeiro: TOPBOOKS. 2019.

GUERRA, A. **Do Holocausto nazista à nova eugenia no século XXI.** Ciência e Cultura. São Paulo, V.58, 2006, p 4- 5.

HILTER, A. **Mein Kampf.** Alemanha: Eher Verlag. 1925.

SILVA, R.J.B da. **História invisível: uma análise psicossocial das raízes mágico-religiosas do nacional socialismo.** 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, doi: 10.11606/T.47.2009.tde-2402210-081416. Acesso em 2020-02-14.

SOUZA, V.S de. **A Eugenia brasileira e suas conexões internacionais: uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto, 1920-1930.** História, Ciência, Saúde - Manguinhos. Rio de Janeiro, V.23, supl., 2016, p. 93-110.

TEIXEIRA, I. M.; SILVA, E.P. **História da eugenia e ensino de genética.** História da Ciência e Ensino. Rio de Janeiro, V.15, 2017, p 63-80.